

Petróleo

Por Pedro Neves

A) PETRÓLEO

a) Produção, Consumo e Saldo Comercial da Balança Petróleo

O mês de abril de 2018 apresentou produção diária de 2,60 MMbbl/d, superior aos 2,55 MMbbl/d produzidos em março[1]. A variação na produção está conectada ao término de serviços de manutenção em equipamentos do FPSO Cidade de Angra dos Reis, que opera no campo de Lula, e ao início da produção do FPSO P-74 no campo de Búzios. Ambos estão localizados na bacia de Santos (Petrobras, 2018)[2]. Na comparação anual, registrou-se crescimento de 2,3% em abril (2018) com relação à produção de 2017 para este mês (Tabela 2.1). Segundo dados da ANP, em abril, 95,6% de todo o óleo extraído nos campos nacionais e 82,9% do gás natural foram produzidos em campos marítimos. O esforço exploratório brasileiro está concentrado em 7.519 poços, sendo 727 marítimos e 6.792 terrestres, e os campos operados pela Petrobras produziram 94,1% do total de óleo e gás natural.

Com relação ao pré-sal, sua produção em abril foi oriunda de 86 poços e chegou a 1,42 MMbbl/d de óleo e 58 MMm³/d de gás natural, totalizando 1.785 MMboe/d (milhões de barris de óleo equivalente). Esta produção correspondeu a 54,4% do total produzido no país. O campo de Marlim Sul, na Bacia de Campos, foi o campo marítimo com maior número de poços produtores: 97.

Ainda se tratando do pré-sal, o presidente Michel Temer sancionou, no dia 15 de junho, a Lei de comercialização do pré-sal (13.679/18), que oficializa a comercialização da parcela da produção referente a União, a ser executada pela Pré-Sal

1 Vale notar que os dados apresentados na tabela 2.1 não estão equivocados. A produção total caiu em abril, quando comparada a março. Por outro lado, a produção diária aumentou, já que Abril tem 30 dias e Março tem 31.

2 http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados-1/detalhe-do-post-2.htm

Petróleo SA. A forma dessa comercialização, no entanto, será reformulada pelo CNPE até o fim do ano. Até lá, o modelo adotado será a comercialização direta. A resolução também permite a realização de leilões para gás natural e refino (com regulamentação prévia da ANP) (EPBR, 2018)[3].

Tabela 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril).

Agregado	abr-18	abr-18/mar-18	abr-18/abr-17	Tendências*	mar-18	abr-17
Produção	77.901.833,7	-1,7%	2,3%		79.276.286,9	76.169.147
Consumo Interno	52.515.515,6	8,6%	1,8%		48.375.350	51.584.841
Importação	2.180.265,0	-67,5%	-42,2%		6.704.167	3.773.730
Exportação	32.008.155,7	10,3%	44,5%		29.012.632	22.149.174

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Sobre as rodadas de licitação, a expectativa dos órgãos reguladores para a 4ª rodada de partilha, ocorrida no dia 07 de junho, se concretizou com a venda de 75% das áreas ofertadas e bônus de assinatura total de R$ 3,15 bilhões. A expectativa da ANP é de que as operações das áreas arrematadas gerem algo em torno de R$ 40 bilhões aos cofres públicos ao longo da vida útil dos campos (O Globo, 2018)[4].

O bloco de Uirapuru, o maior entre os ofertados (com bônus de assinatura fixo em R$ 2,65 bilhões) foi arrematado em consórcio formado pela Petrogal (14%), Statoil (28%) e ExxonMobil (28%), e concluído com a participação de 30% da Petrobras (Petronotícias, 2018)[5]. Essa foi a primeira vez que a estatal participou de um consórcio perdedor no leilão e decidiu migrar para o vencedor, o que ilustre a funcionalidade do mecanismo do direito de preferência.

O bloco de Dois Irmãos (cujo bônus de assinatura era de R$ 400 milhões) foi arrematado por consórcio formado entre Petrobras (45%), BP Energy (30%) e Equinor (25%). A participação da antiga Statoil também nesse certame marca a estratégia da empresa de inserção no mercado brasileiro, já destacada em edições anteriores desse boletim.

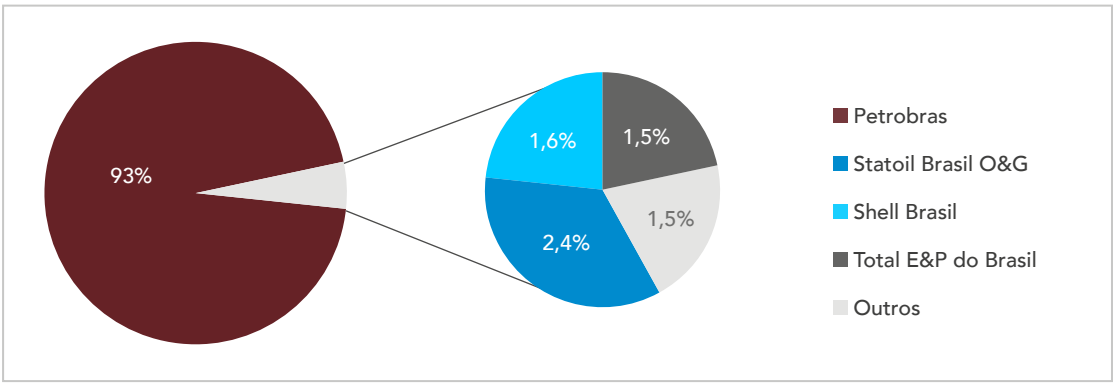
Por fim, o bloco de Três Marias (com bônus de assinatura de R$ 100 milhões) foi arrematado por consórcio formado entre Chevron (30%), Shell (40%) e Petrobras (30%). Assim como no bloco de Uirapuru, a Petrobras exerceu seu direito de preferência e se inseriu no consórcio vencedor. O bloco de Itaimbezinho não obteve ofertas e deverá ser posteriormente incluído, pela ANP, na oferta permanente de áreas.

Ainda com relação as rodadas de licitação de blocos de exploração, o CNPE aprovou, no dia 5 de junho, um calendário para a 17ª e 18ª rodadas. Os certames, que ocorrem sob regime de concessão, estão agendados para 2020 e 2021, respectivamente. Também ficou acordado que não serão ofertados blocos em área de exploração *onshore* nessas rodadas e na 16ª, já prevista para 2019 (Estadão, 2018)[6].

3 http://epbr.com.br/temer-libera-ppsa-para-vender-o-petroleo-da-uniao-no-pre-sal/
4 https://oglobo.globo.com/economia/confira-quem-levou-cada-bloco-da-4-rodada-do-leilao-do-pre-sal-22754595
5 https://petronoticias.com.br/archives/112990?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+Petronotcias+%28PetroNot%C3%ADcias%29
6 https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,governo-agenda-17-rodada-de-petroleo-para-2020-18-fica-para-2021,70002338533

No tocante às empresas presentes em todo o setor no Brasil, a participação da Petrobras ainda é majoritária, com 93% da produção. A participação da Equinor (notada na tabela ainda como Statoil Brasil O&G) voltou a subir em abril, de 1,5% para 2,4%, assim como a Shell, cuja produção aumentou ligeiramente para 1,6%. Após ganhar força em fevereiro, a produção da Total se manteve no mesmo patamar: 1,5%. A Figura 2.2 mostra as concessionárias que participam da produção no Brasil no mês de abril.

Figura 2.2: Distribuição da produção de Petróleo por Operador



Fonte: ANP, 2017

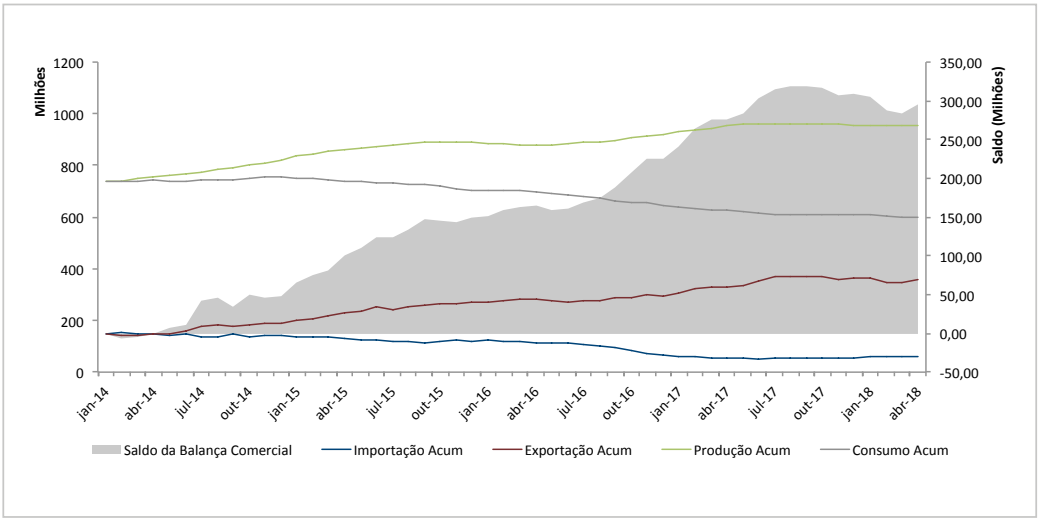
A Petrobras anunciou recentemente que pretende aumentar em 30% seus investimentos com relação a 2017, chegando a US$ 17,3 bilhões em 2018. Além disso, a estatal espera colocar em operação sete novas plataformas e assim dobrar o nível de perfuração de poços exploratórios, para uma média de 29 poços por ano até 2022 (Valor, 2018)[7]. Juntamente com a Petrobras, grandes petroleiras globais se preparam para aumentar seus investimentos e dividir melhor o protagonismo do setor com a estatal. A ExxonMobil, após aquisição de 19 blocos nos últimos leilões deve começar a investir já este ano nas atividades de exploração em águas profundas da Bacia de Sergipe-Alagoas. Shell e Statoil também adquiriram a operação de áreas do pré-sal nas rodadas de Partilha do ano passado (Valor, 2018).

Sobre a balança comercial do setor petrolífero, as importações apresentaram forte queda no mês de abril, de 67,5%, sendo esse o seu menor valor nos últimos doze meses. A possível motivação da queda pode ser atribuída ao aumento do câmbio e dos preços de referência internacionais do barril de petróleo (WTI e Brent) no período, dado que a produção nacional também declinou em relação a março.

Por outro lado, houve crescimento nas exportações, que registraram aumento de 10,3% comparado ao mês anterior. Na comparação anual, verificou-se redução nos valores relativos a taxa de importações (42,2%) e aumento na taxa de exportações (44,5%).

[7] http://www.valor.com.br/brasil/5477217/petrobras-pretende-investir-30-mais-em-relacao-2017

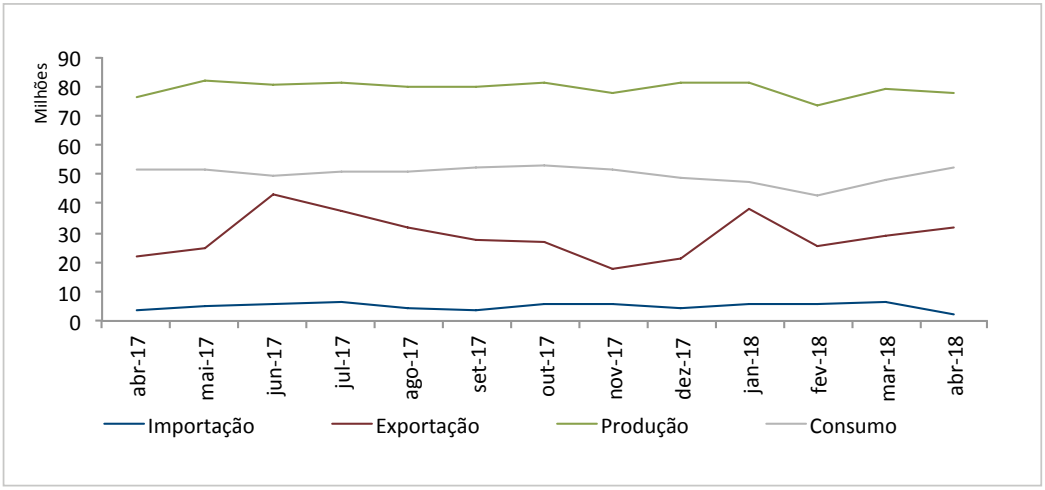
Figura 2.3: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

No acumulado de 12 meses a diferença entre Produção e Consumo aumentou ligeiramente em abril, revertendo a tendência de queda no ano. Com relação à conta petróleo, que representa o saldo entre Exportações e Importações, verificou-se um aumento em abril de 2018 no acumulado de 12 meses, contribuindo positivamente para recuperação do saldo em transações da balança comercial (Figura 2.4).

Figura 2.4: Contas Agregadas do Setor Petróleo, acumulado 12 meses (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

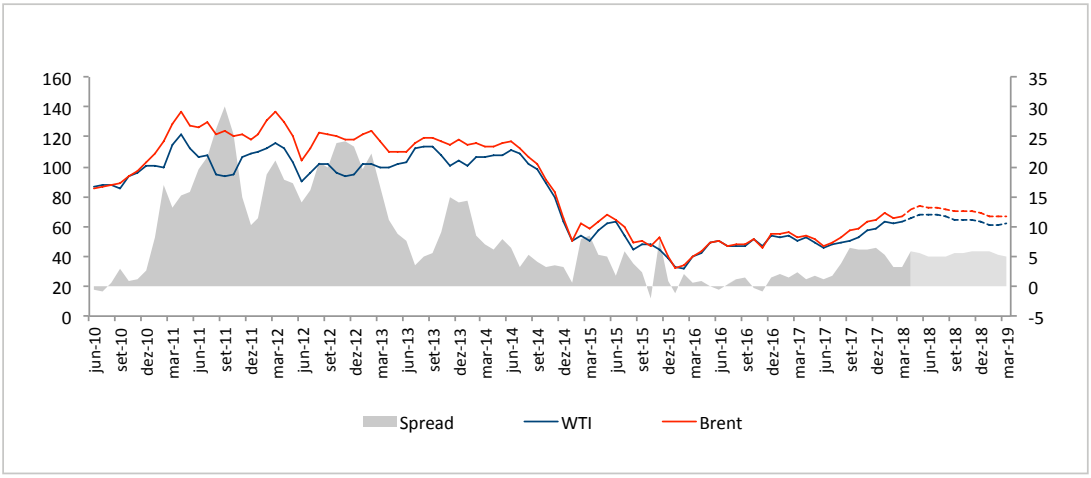
Passando para a análise dos preços internacionais, segundo o *Energy Information Administration*, EIA (Figura 2.5), a média de preços do óleo tipo Brent registrou crescimento no mês de abril, atingindo o valor de US$ 72,11/bbl. O WTI também segue tendência altista e chegou ao valor de US$ 66,25 em abril.

Apesar de estarmos analisando dados do mês de abril de 2018, nesta edição adiantamos que as flutuações nos preços internacionais do barril devem persistir num horizonte próximo. Após a retomada das sanções ao Irã pelo governo norte-americano, a Rússia e a Arábia Saudita procuram formas de convencer os outros membros da OPEP em liberar uma margem da sua produção de petróleo com o objetivo de conter a alta nos preços e a diminuição da oferta no mercado.

É bem verdade que a Arábia Saudita não tem interesse em uma queda acentuada na cotação, dado o cada vez mais iminente IPO da sua estatal, Saudi Aramco. No entanto, a maioria dos países pertencentes a OPEP não teria capacidade de aumentar sua oferta nesse momento e perderia receita no caso de queda dos preços (WorldOil, 2018)[8].

Ainda nesse contexto, a Venezuela, que também faz parte do grupo, vê sua produção de petróleo cair para o menor nível em 30 anos, para apenas 1,39 MMbbl/d em maio de 2018. Esse valor chega a ser inferior a produção registrada em abril do mesmo ano para o pré-sal brasileiro. A crise na PDVSA, estatal venezuelana, tem origens divergentes segundo o presidente Maduro, que acredita que a má gestão na empresa é a responsável pelos números; e especialistas, que associam os problemas a um déficit fiscal da PDVSA, que já representa 20% do PIB venezuelano. A realidade é que a queda na produção do país influencia diretamente na oferta da OPEP, que precisa diversificar sua produção devido a esse tipo de flutuação (Estadão, 2018)[9].

Figura 2.5: Preço Real e Projeção ($/Barril).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da EIA (Deflator - CPI US)

8 http://www.worldoil.com/news/2018/5/27/saudi-russia-policy-shift-sets-stage-for-tense-opec-meeting
9 https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,petroleo-atinge-pior-nivel-em-30-anos-na-venezuela,70002348129

Voltando à produção brasileira, em abril, os cenários da produção nos estados foi bastante diversificada. O destaque positivo ficou com o Espírito Santo, que retomou o segundo lugar absoluto na produção do país. Contudo, grande parte desse crédito ficou atribuído a forte queda (17%) na produção de São Paulo. A produção *onshore* segue em declínio no país como um todo, mesmo com leves altas em alguns estados.

Tabela 2.2: Produção por Estado (Barril).

UF	Localização	abr-18	abr-18/mar-18	abr-18/abr-17	Tendências*	mar-18	abr-17
AL	Onshore	78.098	0,1%	-14,6%		78.015	91.441
	Offshore	2.201	4,7%	-50,9%		2.103	4.481
AM	Onshore	630.005	-1,4%	1,5%		639.009	620.953
BA	Onshore	865.839	-4,4%	-9,6%		905.618	958.290
	Offshore	15.114	-8,2%	2,2%		16.472	14.785
CE	Onshore	32.370	0,3%	-11,3%		32.285	36.509
	Offshore	133.443	4,8%	8,9%		127.372	122.561
ES	Onshore	319.660	0,1%	8,3%		319.400	295.233
	Offshore	10.599.603	2,4%	-6,2%		10.354.333	11.296.384
MA	Onshore	106	-	918,1%		0	10
RJ	Offshore	55.127.760	0,6%	8,8%		54.775.419	50.661.549
RN	Onshore	1.067.797	-3,7%	-17,5%		1.108.468	1.294.395
	Offshore	170.252	-4,0%	0,8%		177.416	168.901
SP	Offshore	8.329.638	-17,8%	-16,1%		10.135.159	9.928.917
SE	Onshore	407.562	-9,1%	-21,2%		448.171	517.256
	Offshore	122.385	-22,1%	-22,3%		157.047	157.481
Total		77.901.834	-1,7%	2,3%		79.276.287	76.169.147

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

B) DERIVADOS DO PETRÓLEO

Em abril, a maioria dos derivados de petróleo registrou crescimento de suas produções, com exceção do GLP, cuja produção reduziu 1,9% este mês (Tabela 2.3). O destaque positivo foi a produção de óleo combustível, que terminou o mês de abril com alta de 16,5% em relação ao volume produzido em março.

Tabela 2.3: Contas Agregadas de derivados (Barril)

Combustível	Agregado	abr-18	abr-18/mar-18	abr-18/abr-17	Tendências *	mar-18	abr-17
Gasolina	Produção	12.597.060	4,3%	-12,0%		12.074.938	14.319.983
	Consumo	21.218.200	-7,0%	-7,6%		22.806.425	22.959.138
	Importação	1.613.633	-33,5%	-38,3%		2.427.105	2.615.043
	Exportação	928.591	341,0%	1154,5%		210.580	74.023
Diesel	Produção	21.118.777	1,9%	-3,3%		20.730.185	21.840.794
	Consumo	29.043.932	-4,3%	11,4%		30.356.334	26.081.477
	Importação	7.286.332	8,8%	44,3%		6.695.410	5.048.440
	Exportação	932.532	-	-		0	0
GLP	Produção	3.830.210	-1,9%	5,4%		3.904.054	3.633.384
	Consumo	6.862.305	-0,4%	5,7%		6.891.398	6.493.839
	Importação	1.868.989	-20,2%	193,4%		2.342.446	637.086
QAV	Produção	3.581.128	10,8%	14,6%		3.230.962	3.123.545
	Consumo	3.569.665	-1,8%	10,1%		3.634.153	3.242.356
	Importação	2.580	-98,3%	-		152.985	0
	Exportação	27.858	-26,2%	0,6%		37.739	27.680
Óleo Combustível	Produção	6.411.782	16,5%	-2,0%		5.504.543	6.545.172
	Consumo	1.036.417	-25,3%	-30,0%		1.387.882	1.481.504
	Importação	58	-100,0%	-		270.019	75
	Exportação	2.062.301	-30,3%	-11,5%		2.959.496	2.330.294

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

A Petrobras segue sua busca por parceiros em refino no país e estendeu, em junho de 2018, o prazo para assinaturas de acordos de confidencialidade para interessados nos ativos ofertados pela empresa em abril desse ano. Com o fim do prazo para as assinaturas, os participantes deverão apresentar suas propostas. A estatal alega já ter cinco interessados nas refinarias e que a extensão do prazo poderá aumentar o mérito delas. Vale lembrar que os ativos ofertados incluem as Refinarias Abreu Lima, Landulpho Alves, Alberto Pasqualini e Presidente Getúlio Vargas, além de vários outros terminais (Reuters, 2018)[10].

Em abril de 2018, confirmando a tendência do mês anterior, os preços de realização interna da gasolina ficaram ligeiramente inferiores aos de referência internacional. No caso do diesel, seu preço doméstico segue superior ao internacional, apesar da inflexão observada no mês anterior para o diesel. A realização residencial de GLP ficou abaixo da referência enquanto a industrial segue acima desta desde junho de 2015. Com relação ao óleo combustível, os preços internacionais e domésticos estão andando juntos desde novembro de 2016 (Figura 2.6).

Figura 2.6: Preço Real dos combustíveis X referência internacional (R$/l)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME e EIA. Deflator: IPCA.

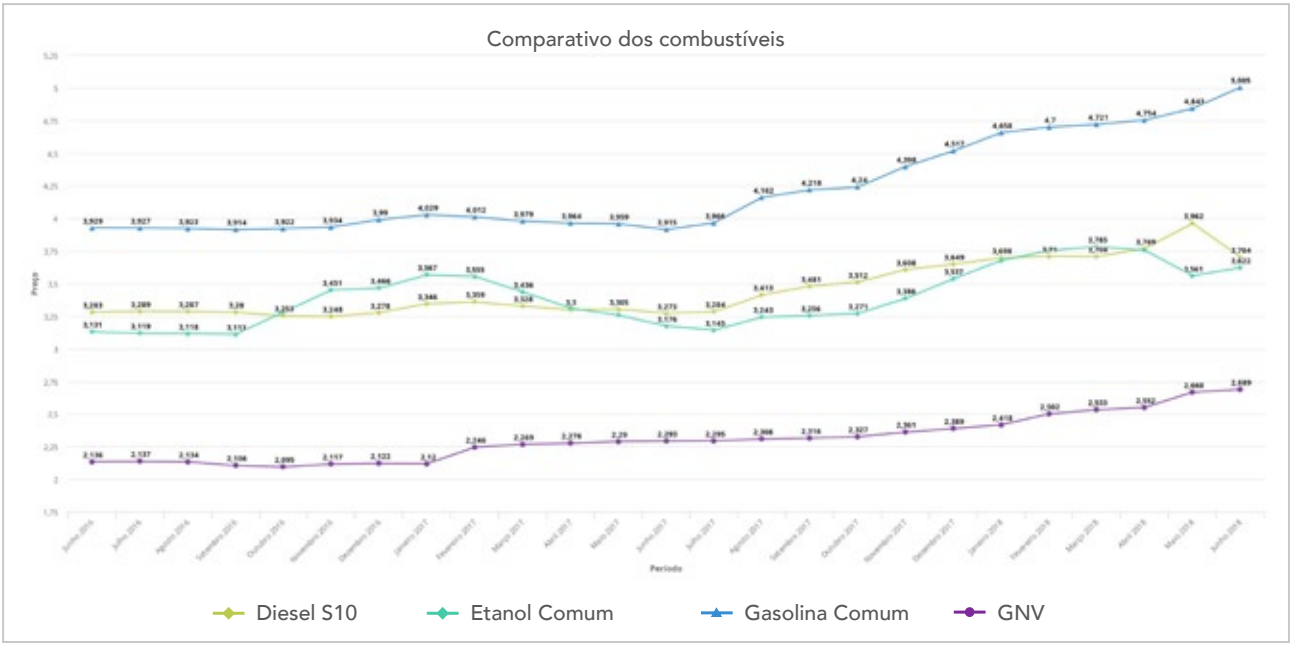
(1) Devido à indisponibilidade de dados, os preços de referência são a cotação do final do mês e não incluem custo de internação

10 https://br.reuters.com/article/businessNews/idBRKBN1JE1KV-OBRBS

C) POLÍTICA DE PREÇOS DE DERIVADOS

A nova política de reajustes de preços de combustíveis da Petrobras, em vigor desde julho de 2017, tem causado uma série de indagações entre especialistas no assunto e também para o consumidor final. Com alterações que chegam a ser diárias, os preços da gasolina e do diesel estão alinhados conforme variações do mercado internacional e do câmbio. A figura 2.7 ilustra uma série histórica de preços dos combustíveis gasolina e etanol comuns, óleo diesel S10 e GNV praticados por postos de gasolina no Brasil. Os dados são da plataforma FuelLog.[11]

Figura 2.7: Histórico de preços da gasolina e etanol comuns, óleo diesel S10 e GNV no Brasil (R$)



Fonte: FuelLog, 2018

Pode-se observar que, para o consumidor final, há um aumento quase constante, a partir de julho de 2017, embora a Petrobras alterne entre aumentos e reduções, os preços em seus reajustes. O fato é que, desde o início da política, os preços já subiram mais de 15% e, por mais que a Estatal brasileira alegue que sua intenção era aumentar a competitividade da companhia e incentivar a entrada de investidores no país, principalmente no setor de Downstream; sabe-se que existem problemas muito relevantes atrelados a esta política.

Diante desse cenário e, em face a todo o movimento causado pela greve dos caminhoneiros em maio de 2018, o governo e a Petrobras tomaram medidas que podem ter colocado em risco as margens do setor, possivelmente afetando a oferta de combustíveis nos próximos meses.

[11] A plataforma FuelLog oferece um panorama dos preços dos combustíveis no país. Trata-se de uma base de dados atualizada diariamente que contempla mais de 20 mil postos de combustíveis e mais de 200 mil preços. Os dados estão disponibilizados por estado, cidade e tipo de combustível. Para mais detalhes, acesse: www.fuellog.com.br

Entre essas medidas, o governo federal anunciou uma redução no preço do óleo diesel rodoviário de R$0,46/litro, alcançada por meio da redução de tributos e subvenção paga pela União. Desse total, R$0,16 correspondem a uma diminuição de impostos e a união subsidia os outros R$0,30/litro. A Petrobras não subsidiará o preço do diesel nem incorrerá em prejuízo pois será ressarcida pela União. A redução será mantida por 60 dias e, após o prazo, ajustes de preço do diesel serão mensais (Petrobras, 2018)[12].

No entanto, a fórmula de preços da ANP deixa de considerar questões como os diferentes volumes e custos logísticos em cada região, causando distorções nas regiões Norte e Nordeste. Os custos também foram fixados em BRL, então a desvalorização da moeda afetaria os custos de importação, que são 75% em USD. O que foi visto, após a definição do novo preço de referência pela ANP, é que as margens de importadores em certas regiões ficou negativa (UBS, 2018)[13].

Embora o governo tenha concedido aos importadores o mesmo benefício da Petrobras, de participar no programa de subvenção, também anunciou um imposto sobre esses importadores, que poderá reduzir significativamente a margem e diminuir a importação nos próximos meses. Como a Petrobras não consegue suprir sozinha o mercado doméstico de diesel inteiro, tendo em vista que cerca de 25% do diesel vendido no Brasil é importado, isso causaria uma pressão nos preços. Todas essas distorções de preço contribuíram para a queda de margens, o que deve levar a uma diminuição no volume de importações e uma escassez de combustível no país (UBS, 2018).

Na escala estadual, o governo do Rio de Janeiro, ofereceu no dia 24 de maio uma redução no ICMS do diesel de 16% para 12% para chegar a um acordo com os caminhoneiros, igualando a alíquota com a de São Paulo. O estado também estuda mudar o recolhimento do ICMS das transportadoras para as empresas que contratam o serviço de transporte (G1, 2018)[14].

Por fim, o CADE publicou um estudo propondo medidas para aumentar a concorrência no setor de combustíveis, tais como: permitir que produtores de álcool vendam diretamente aos postos, repensar a proibição de verticalização do setor de varejo de combustíveis, extinguir a vedação à importação de combustíveis pelas distribuidoras e permitir postos do tipo autoserviço. Essas medidas eliminariam ineficiências e levariam a uma queda nos preços para consumidores no médio ao longo prazo (UBS, 2018).

13 LatAm Oil&Gas - Fuel Distribution: Strike Out. Acessado em 18 de junho de 2018.
14 https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/pezao-anuncia-reducao-do-icms-do-diesel-no-rj-em-acordo-com-caminhoneiros.ghtml